

SELVAGERIA NO TRÂNSITO

Quando o carro vira uma arma

Para além das falhas de engenharia, a irresponsabilidade nas pistas provoca perdas irreparáveis e sequelas para o resto da vida de milhares de brasileiros. Nesta série de reportagens, o Correio conta histórias de vítimas e apresenta dados preocupantes

» ADRIANA BERNARDES
» JÉSSICA EUFRÁSIO
» PEDRO GRIGORI
» SAMARA SCHWINGEL

ED ALVES/CB/D.A.Press



A mãe de Carlos Roberto, Maria da Providência; o pai, Roberto Carlos; e Bruna, irmã do jovem: à espera de justiça

O emaranhado de ruas e vidas compartilhadas no trânsito das grandes cidades produz uma epidemia global: a morte precoce de milhares de indivíduos. Na maioria das vezes, não são as falhas de engenharia viária que matam 13 milhões de pessoas no mundo — 31.945 delas só no Brasil. O que mais provoca óbitos no ir e vir das urbes é o comportamento de quem está atrás do volante.

No Distrito Federal, a cada dois dias, em média, uma pessoa morre nas pistas. Excesso de velocidade, alcoolemia e uso de telefone ao volante são algumas das causas mais recorrentes. Neste semestre, motoristas protagonizaram brigas e ataques de fúria. Um desses casos resultou na morte de um jovem motociclista; outra ocorrência deixou uma servidora pública em coma e com diversas sequelas. Agora, a capital do país — que, duas décadas atrás, havia decidido deixar reinar a paz no trânsito — se envergonha pela selvageria que tomou conta das ruas.

Quando essa brutalidade tirou a vida de Carlos Roberto Barbosa Rocha, 21 anos, agarrar-se às memórias foi o que restou à mãe do motociclista, Maria da Providência Barbosa, 48. No braço direito, ela gravou uma tatuagem em homenagem ao filho: “É na lembrança do seu sorriso que eu sigo meu caminho”. No esquerdo, carrega a pulseira de prata que o jovem sempre usava, inclusive no dia em que morreu na BR-040.

Carlos Roberto trafegava pela rodovia que liga Brasília ao Rio de Janeiro enquanto fazia entregas para uma lanchonete de Santa Maria, a cerca de 30km da Praça dos Três Poderes, onde havia conseguido emprego dois dias antes da tragédia. Na região administrativa, morava com a mãe e o pai, Roberto Carlos Rocha, 49, em uma casa simples, sem andares, fechada por um muro branco e um portão de ferro esverdeado devido à ação do tempo. O jovem cruzou aquela passagem pela última vez ao se despedir de Maria da Providência. Eram 16h25 de 21 de outubro. Cinco minutos depois, um amigo da família avisou a auxiliar de rouparia que um carro havia atingido a moto do filho dela. O motorista fugiu.

MOBILIZAÇÃO POPULAR

Em 15 de setembro de 1996, um movimento promovido pelo **Correio**, diante da sequência diária de atrocidades cometidas nas ruas e noticiadas pelo jornal, termina com uma passeata de 25 mil pessoas no Eixão. Vestidas de branco, a mensagem era uníssona: um basta à violência atrás do volante. Intitulada Paz no Trânsito, a campanha se tornou o primeiro passo para a adoção de medidas locais e nacionais que reforçaram a fiscalização, promoveram conscientização sobre a segurança viária e impulsionaram a tramitação do projeto de Lei que reformou o Código de Trânsito Brasileiro (CTB), até então engavetado no Congresso Nacional.



Vazio

No local do ocorrido, Maria da Providência entrou em desespero. “De longe, vi o corpo dele estendido no chão, perto do poste. Saí correndo, gritando, só que não me deixaram chegar perto. Soube que ele ficou vivo por 20 minutos, chorando e chamando por mim. Os bombeiros tinham colocado ambulâncias na frente, para que eu não visse o corpo. Mas vi quando sacudiram a cabeça, de um lado para o outro, como quem diz que (Carlos

Roberto) não tinha mais batimentos”, detalhou a mãe, emocionada.

O acusado de provocar a morte do jovem dirigia um Chevrolet Vectra verde-escuro e teria jogado o veículo contra a moto de Carlos Roberto, uma Honda CB Twister vermelha de 250 cilindradas, após os dois discutirem no trânsito. Uma suposta troca de faixa sem sinalização do motorista levou ao desentendimento. A violência do impacto tirou qualquer chance de sobrevivência do entregador. O condutor

ED ALVES/CB/D.A.Press



Carlos foi morto dias depois de começar em um trabalho novo

só foi preso graças à denúncia de uma testemunha, que acionou a polícia e informou a placa do carro. O inquérito encerrado o indiciou por homicídio doloso — quando há intenção de matar.

Na última semana, um mês após o ocorrido, a família da vítima voltou à 33ª Delegacia de Polícia (Santa Maria). Enquanto aguardam novidades sobre o

caso, os pais e as duas irmãs de Carlos Roberto tentam lidar com o vazio provocado por uma morte precoce e implacável. Ao mostrar roupas e fotos do caçula, além das galochas e do capacete que usava no dia em que morreu — este último com alguns arranhões —, Maria da Providência menciona a paixão por motos que compartilhava com o filho e

a vontade que o jovem tinha de cursar gestão pública.

Com a interrupção dos planos, restou a convivência com a dor da perda. “O que me revolta é saber que o assassino do meu filho pode ficar em liberdade a qualquer momento. Está doendo muito. Agora, vem a pior parte. Ainda não assimilei que ele morreu. Para mim, ele vai voltar em algum momento. (Penso) que ele está viajando e, a qualquer hora, volta”, lamentou a mãe, com a voz embargada. “Está muito difícil. Mas tentamos nos apegar às coisas boas que ele deixou.”

Custos

A morte de Carlos Roberto não representa uma exceção. Um levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgado neste ano destaca que os sinistros de trânsito são a segunda principal causa de óbitos entre pessoas de 15 a 29 anos no país. E sobreviver nem sempre significa passar pela situação ileso. Só em 2019, mais de 3,9 milhões de pessoas ficaram feridas por consequência do perigo nas pistas. Desse total, 579 mil terão de conviver com sequelas físicas permanentes.

Um estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), publicado em 2020, estima em R\$ 40 bilhões por ano os custos das mortes nas vias para os cofres do Brasil. O valor médio associado a despesas como cuidados hospitalares, perda de força produtiva, danos materiais e processos judiciais fica perto de R\$ 664 mil para os cofres da União.

Do ponto de vista das políticas públicas, o cálculo de quanto o país perde com as tragédias sobre rodas é imprescindível para definir ações e traçar metas de prevenção e de redução dos casos. “A ONU (Organização das Nações Unidas) e a OMS (Organização Mundial da Saúde) estimam que as perdas provocadas pelos sinistros de trânsito variam de 3% a 5% do Produto Interno Bruto (PIB). Por outro lado, há um consenso entre os pesquisadores de que, para cada US\$ 1 investido na prevenção, os governos economizam US\$ 6”, alerta Flávio Adura, diretor-científico da Associação Brasileira de Medicina de Tráfego (Abramet) e professor aposentado do Departamento de Medicina Preventiva da Universidade Federal de São Paulo.

Resquícios da agressividade

Tatiana Theleclides Fernandes Machado Matsunaga, 40 anos, vive sob cuidados. Sem conseguir andar, com dificuldade para respirar e sem o tampão do crânio — retirado para uma cirurgia de emergência —, ela voltou para a companhia da família cerca de dois meses após ser atropelada, propositalmente, na frente de casa, em 25 de agosto. O acusado de cometer o crime, Paulo Ricardo Moraes Mílhomem, 37, está preso e responde

por tentativa de homicídio.

Tatiana saiu do hospital em 4 de novembro. Maria Celeste Fernandes, 64, e Luiz Sérgio Machado, 65, pais da servidora pública, contam como a rotina da família mudou. “Ela sempre foi uma pessoa muito ativa. Resolvia mil coisas ao mesmo tempo. Agora, não consegue andar e precisa de ajuda para tudo. Ela ainda vai passar por outra cirurgia, para recolocar o tampão do crânio”, relata a mãe.

O marido e os filhos de Tatiana também enfrentam sequelas. “O filho que assistiu o que aconteceu precisa de acompanhamento psicológico. Os dois têm dificuldade para dormir”, comenta Maria Celeste. Luiz Sérgio acrescenta que, apesar dos cuidados pelos quais a filha passa, não há uma perspectiva de futuro. “Não sabemos como ela vai estar daqui a um ano. É tudo muito incerto”, observa.

A família pede que a justiça

seja feita. “Eu nunca vi nada tão cruel no trânsito. Ele usou o carro como uma arma”, diz a mãe de Tatiana. O pai da vítima lamenta que a condenação do acusado, mesmo que necessária, não vai reverter os danos causados. “Tatiana está muito debilitada. Isso acabou com a vida que ela tinha. Se eu tivesse a chance de encontrá-lo (o acusado), eu perguntaria: ‘E se fosse alguém da sua família?’”, questionou o pai.

Carlos Vieira/CB



Depois de ser atropelada, Tatiana passou a depender diariamente de cuidados dos pais, Maria Celeste e Luiz Sérgio

VIDAS PERDIDAS

13 milhões

Mortes no mundo por ano

31.945

Óbitos no Brasil em 2019

217

Vítimas no DF no ano passado

Fonte: Organização Pan-Americana de Saúde (Opas), Ministério da Saúde e Departamento de Trânsito do Distrito Federal (Detran-DF), 2019 e 2020